

As mudanças de nosso tempo e o ensino da Geografia*

Delfina Trinca Fighera**

Resumo

As mudanças que experimenta o mundo de finais do século XX têm contribuído para criar a ilusão de que o território já não seria importante na realização da vida dos homens. Quais poderiam ser as razões disto? Como estamos transmitindo aos futuros geógrafos o que esta disciplina tem a dizer diante das transformações que caracterizam este fim de século?

Palavras chaves: Geografia, mudanças, velocidade, tempo, espaço, território.

Abstract

The changes that the world experiments at the end of the XX century have helped to create the illusion that the territory wouldn't be important in the human doing. How are we transmitting to the future geographers what this specialty has to say about the changes that characterize the end of this century?

Key words: Geography, changes, speed, time, space, territory

Introdução

Antes de mais nada gostaria de agradecer ao Comitê Organizador do I Congresso Nacional sobre “*Geografía e seu*

* Versão ampliada da conferência ministrada no I Congreso Nacional sobre Geografía y su Enseñanza. San Cristóbal (Venezuela), 13 a 15 de maio de 1998.

** Instituto de Geografía y Conservación de Recursos Naturales, Universidad de Los Andes, Mérida – Venezuela – (trincad@forest.ula.ve).

Ensino” seu atencioso convite para expor minhas idéias sobre um tema tão relevante para a Geografia como é o das transformações que o mundo deste final de século está vivendo e como estas, em sua condição de partes da realidade, se constituem em objeto de interesse científico, ao participar do conteúdo dos conceitos que utilizamos para tentar compreender, precisamente, esta realidade.

Devo reconhecer que enfrentei algumas dificuldades quando me aproximei do fascinante e enigmático mundo do ensino. Ainda que eu seja docente, meu objeto de interesse não é o ensino da Geografia como tal, mas sim esta, enquanto disciplina que se ocupa de um dos segmentos da realidade mais susceptível às mudanças: o espaço geográfico. Daí minha manifesta preocupação pelo que ocorre no mundo de nossos dias e sua influência nesta disciplina científica.

Pelo já expresso se poderia pensar que foi pretensioso de minha parte incluir no título da conferência a palavra ensino. Todavia, não foi assim. Sou da opinião que a investigação, em qualquer área do saber, que não se acompanhe do ensino padece da necessária retroalimentação que dá o exercício docente e, portanto, torna-se difícil pensar a Geografia sem pensar em seu ensino. É neste sentido que me parece importante focalizar as mudanças que o mundo de nossos dias manifesta, já que se ele está dizendo que seu conteúdo existencial está mudando, é nosso dever assumir o desafio que significa enfrentar o estudo do presente e da realidade que o identifica, a fim de que nossos estudantes também sejam co-participantes e beneficiários do resultado de nossas preocupações científicas.

Dentro desta ordem de idéias a conferência divide-se em duas partes bem claras. Uma primeira na qual pretendo mostrar, de forma rápida, quais são os elementos que identificam o mundo atual e que permitem afirmar que estamos em um momento de transição entre dois mundos: um que está deixando de existir e outro que recém se insinua e nele a velocidade (sem esquecer a informação e sua manipulação) é uma de suas características essenciais. Na segunda, mas desde uma perspectiva muito mais

ideológica que outra coisa, falarei a respeito de como os elementos que estão definindo a mudança estão presentes no campo da Geografia, quer dizer, nesse segmento da realidade que nos compete estudar, o espaço geográfico. É importante assinalar que não vou trabalhar em si com o espaço ou suas transformações, nem como, nele, se têm incorporado os elementos que definem o novo, mas sim, em como estamos abordando esta categoria de análise diante das mudanças.

O interesse em refletir como estamos pensando o espaço geográfico neste momento de transformação associa-se com a seguinte inquietude: estaremos os geógrafos assumindo, de fato, teórica e metodologicamente falando, que o mundo está mudando? Parece-me que a resposta a esta interrogação se aproxima mais a um não do que a um sim, pois dá a impressão que a geografia não está oferecendo as necessárias respostas que o momento atual exige.

Creio que parte do problema reside no uso que continuamos fazendo de sistemas conceituais que não estão dando conta da mutável realidade que define o presente, posto que o conteúdo essencial de seus componentes (conceitos e categorias) provém de um mundo que está deixando de existir. Se esta última afirmação é certa, estamos enfrentando uma defasagem teórico-metodológica muito importante, e este fato não poderia ser deixado de lado quando refletimos sobre o presente e a Geografia.

Esta seria uma das razões pela qual na comunidade geográfica, termos como “desterritorialização”, que tem, aliás, toda uma conotação ideológica importante, ou dos “não-lugares” ou a idéia de que a região está desaparecendo, tenham a receptividade que têm tido, esquecendo-se desta maneira que o território¹

¹ O termo território, lato sensu, estamos empregando para nos referirmos a aquelas porções da superfície da terra, sobre as quais o homem, historicamente, tem tomado a posse. Portanto, sujeitas a relações de poder. Isto não é mais que sustentar que uma sociedade, politicamente organizada, detém o controle, exerce o domínio, sobre um pedaço da crosta terrestre. E é neste processo que o homem social tem criado e cria, continuamente, espaço.

continua sendo tão importante na atualidade para as realizações do homem como foi em toda sua história, pois tanto estas como as ações que lhes dão existência, sempre têm sido e serão territorializadas. A diferença está no fato de que este processo não se manifesta hoje da mesma maneira.

Daí minha insistência em discutir, na segunda parte da conferência, mais do que sobre o espaço em si ou as transformações que ele já manifesta, o que fazer com uma disciplina que, de maneira crescente, encontra-se ameaçada, embora seja seu objeto de estudo o coração onde as mudanças se materializam, já que é ela (e não outra!) a ciência que trabalha com o território.

Penso que não é um exagero afirmar que incorremos com mais frequência do que a desejada em separar coisas inseparáveis, quer dizer, o que faz o homem, o que constrói e se materializa em objetos tem uma expressão espacial e não se pode fazer abstração disto, por mais que a velocidade do mundo atual indique, aparentemente, que o território já não é importante.

O mundo e as mudanças atuais

A que nos referimos quando falamos de mudanças no mundo atual? Parece evidente que se comparo este momento histórico com o imediatamente anterior vamos encontrar diferenças entre eles. Quais seriam estas diferenças? Como se identificam? Para dar resposta a estas interrogações devemos nos concentrar nas mudanças em si para descobrir como se manifestam –ou se incorporam- no espaço geográfico.

Em cada momento histórico, o mundo se materializa através de suas possibilidades e neste processo os homens e suas ações adquirem existência no espaço e por ele, só que a maneira, a ordem com que se mostram para nós varia de um período a outro. O que queremos dizer com isto? Simplesmente que a maneira, a ordem com a que se nos apresenta o afazer dos homens, o qual tem

não só uma manifestação temporal² mas também espacial, é o que nos permite afirmar que estamos diante de tal ou qual momento da história. Portanto, falar de mudanças significa falar de novos elementos que aparecem tanto no sistema temporal como no sistema espacial.

Possivelmente uma das mudanças mais visíveis do mundo atual se associe a esse objeto técnico conhecido como o computador pessoal, pois sua presença (maciça nos últimos anos) nos diz que estamos diante de um “salto” tecnológico que facilita a manipulação da informação³ em níveis não conhecidos até data recente.

Historicamente o homem tem criado, manipulado, transformado informação com objetivos precisos e concretos. Entre outras coisas, isto lhe permitiu tomar decisões que têm tido, através dos objetos que tem construído, conseqüências espaciais concretas. Em que se diferencia a forma de tratar a informação do presente em relação ao momento histórico precedente? E estamos falando apenas de 20 ou 30 anos atrás! A grande diferença está na velocidade com a qual a informação é manipulada e transmitida. Não é por acaso que estamos na era do denominado tempo real⁴.

Portanto, já não pertence ao mundo da ciência ficção o fato de que dois ou mais eventos entrem em uma percepção única e instantânea, pois graças às novas tecnologias da informação a contemporaneidade dos eventos, antes independente, agora é

² Com isto só queremos assinalar que cada momento histórico tem um sistema temporal e um sistema espacial que o identifica e o diferencia de outros momentos.

³ É oportuno esclarecer que quando falamos de informação fazemos referência a algo mais que uma simples base de dados. Esta, por mais ampla que seja não é informação. Só constitui a matéria prima e para que se transforme em informação deve se organizar para cumprir uma tarefa específica, dirigida a um desempenho específico e aplicada a uma decisão (Druker, 1995).

⁴ Este termo, inventado pela informática, nos faz crer que o tempo transcorre de maneira muito mais rápida, pois ele seria a velocidade (Levy, 1993).

interdependente. Isto não quer dizer mais que o homem de fins do século XX tornou-se capaz de perceber a simultaneidade⁵.

Um claro exemplo disto está, a meu ver, na maneira como assistimos a denominada Guerra do Golfo, no começo da década de noventa. Observem que utilizo a palavra assistimos, em lugar de nos inteiramos. Literalmente, fomos espectadores do bombardeio a que foi submetida a cidade de Bagdá por parte das forças aliadas participantes da chamada operação Tempestade do Deserto, no mesmo instante em que ocorria. Quer dizer, o bombardeio desta cidade se realizava, de forma simultânea ao fato de estarmos acompanhando o ataque pela televisão. Aí está a grande diferença!

Nestes momentos, a velocidade com a qual a informação é manipulada e transmitida a todos os confins do planeta é radicalmente diferente de como acontecia há 20 ou 30 anos atrás. Enquanto Robespierre levou, aproximadamente, 20 dias para receber notícias sobre a tomada da Bastilha (encontrava-se em Arras, pequena cidade localizada a pouco mais de 100 quilômetros de Paris), nós nos inteiramos do que sucede no mesmo instante em que os fatos ocorrem, sem importar o lugar onde se objetivem. Não se pode negar que o desenvolvimento tecnológico de nosso tempo possibilita a instantaneidade nas comunicações de voz, imagem e texto.

Na história do homem sempre tem havido momentos de aceleração. Neste sentido, o que se conhece como globalização⁶ não é diferente. Com efeito, se nos detivéssemos a observar, ainda que de maneira rápida, a história da civilização ocidental,

⁵ Milton Santos (1996) define esse fato como a convergência dos momentos.

⁶ A noção de globalização se associa com o atual momento que vive a humanidade, sendo que nele a velocidade é o coração e a tecnologia o motor. Em sentido amplo, também se utiliza este termo para se referir à integração efetiva do comércio e à produção em escala planetária. É um processo de aceleração capitalista em um ritmo nunca visto antes.

poderíamos identificar, ao menos desde o século XIII⁷, vários momentos similares ao que estamos vivendo na atualidade; quer dizer, momentos nos quais o homem, apoiado no progresso técnico, modifica sua maneira de se relacionar com o mundo, sua cosmovisão. Em outras palavras, o que foi cotidiano, normal, usual durante gerações, em menos de 50 ou 60 anos, graças a um descobrimento científico e suas conseqüentes repercussões, se transforma e faz mudar nossa maneira de compreender e de nos relacionarmos com as pessoas e o mundo.

Em conseqüência, os momentos de aceleração não se dissociam dos saltos tecnológicos que propiciam transformações muito rápidas no cotidiano das pessoas. No presente a rapidez com a qual se geram e materializam as mudanças, além de sua quantidade, é única na história⁸. Creio que este fato, absolutamente

⁷ Cada dois ou três séculos a história ocidental conhece uma grande transformação. Em poucas décadas a sociedade muda sua visão do mundo. Uma destas transformações ocorreu no século XIII, quando o mundo europeu, quase da noite para o dia, passou a se decidir nas novas cidades; ressurgindo as idéias de Aristóteles como fonte principal de sabedoria e as universidades urbanas substituindo os mosteiros rurais e isolados como centros de cultura. A seguinte transformação ocorre entre a invenção da imprensa por Gutemberg (1455) e a reforma protestante de Lutero (1517); nesse lapso floresce o renascimento, descobre-se o novo mundo, o ocidente adota os algarismos árabes, descobre-se a anatomia e com ela a investigação científica. Duzentos anos depois ocorre outro momento de grandes mudanças. Começa com o aperfeiçoamento do motor a vapor e continua com a chamada revolução industrial. De fato, uma nova civilização emerge depois destes acontecimentos (Druker, 1996). Nestes momentos estamos entrando em uma nova era de mudanças profundas.

⁸ As inovações técnicas introduzidas nos últimos 20 anos depois da segunda guerra mundial se difundiram duas vezes mais rápido daquelas introduzidas depois da I guerra mundial e três vezes mais das introduzidas entre 1890 e 1919. No começo do presente século, o tempo entre o encontro de uma nova tecnologia, sua aceitação para fins industriais e sua consolidação histórica era, em média, de 37 anos. Este prazo se reduz a 24 no período compreendido entre as duas guerras mundiais e a 14 depois da segunda guerra (Santos, 1996).

novo, também deve ser levado em conta quando se faz referência a estarmos em um momento de aceleração.

Agora, o fenômeno global, como se materializa? Uma maneira rápida de se aproximar a ele é analisando os dados do comércio internacional, já que nos mostram não só a velocidade com a qual se têm incrementado as relações comerciais em todo o mundo, e não me refiro somente ao transporte de mercadorias, que, aliás, nunca tinha sido realizado de maneira tão rápida e em quantidades tão grandes, mas também às comunicações que permitem, graças à tecnologia que facilita a conexão instantânea com e em qualquer lugar do mundo, que a distância -física- se transforme em algo irrelevante para as operações empresariais e financeiras.

Uma forma prática de entender o que quero dizer podemos ver no fato de que qualquer produtor pode comprar matéria prima em qualquer lugar do mundo, sempre que alí seja mais barata e de melhor qualidade. Esta idéia sobre globalização pode ser observada com maior nitidez no mundo financeiro, principalmente no que se refere à circulação do capital. A maneira de exemplo vou apresentar alguns dados relacionados com os empréstimos internacionais de capital de origem privada. Para 1971, o volume de dinheiro que circulou por esta categoria a nível mundial (empréstimos de médio e longo prazo), foi de 10 bilhões de dólares, aproximadamente. Já para 1995, este foi de 1,3 trilhões de dólares. Cresceu 130% em menos de 25 anos! (Nascimento Neto, 1996).

Também para 1995, o capital especulativo⁹ (mercado de valores) mobilizou entre 2 e 3 trilhões de dólares ao dia, enquanto que a nível mundial, as reservas de capital privado aproximaram-se de uns 10 trilhões de dólares (Ibid.). Estas cifras nos indicam, de

⁹ A meu juízo, um exemplo deste tipo de capitais o representa muito bem o magnata multimilionário George Soros, que representa na atualidade o investidor privado que opta pelo mercado internacional de divisas, entre outras coisas. Na Venezuela, o senhor Soros também está presente no mercado de valores através de ações no Fundo de Valores Imobiliários (51%), Sudantex (24%), Corimon (7%), Banco Caracas (10%), Electricidad de Caracas (4%), Banco Mercantil (5%), etc. (Almada, 1998).

forma clara, que as chamadas empresas globais, principais proprietárias do capital privado, têm aumentado significativamente sua participação no comércio internacional, pois respondem por quase 2/3 do comércio mundial para meados dos anos noventa. Este fato se observa, como bem afirma Dupas (1995) na taxa de crescimento de suas vendas, a qual foi bastante superior à média do crescimento da economia mundial para o mesmo período.

Isto traz conseqüências muito importantes, sobretudo no que respeita ao capital que controlam os estados nacionais; falemos melhor de capital público para contrapô-lo com o privado. Em síntese posso dizer que no mundo de finais do século XX, o capital público tem muito menos capacidade de investir que o privado. Neste sentido, não seria exagerado afirmar que são as empresas globais as que, basicamente, decidem o que, como, quando e onde produzir os bens e serviços que utilizam os seres humanos. Portanto, quem toma as decisões em matéria econômica, em última instância, a nível mundial é o capital privado e não o público, o que confere um caráter eminentemente político a estas decisões.

Isto significa que ao cenário internacional, além de seus atores tradicionais, vale dizer os estados nacionais, deve-se juntar as chamadas empresas globais ou mundiais as que, por sua manifesta capacidade de decidir sobre a economia mundial e, em conseqüência, sobre as economias dos distintos estados nacionais, já não são somente atores econômicos senão que se convertem também em atores políticos¹⁰.

Na atualidade não só estão os Estados Unidos, Alemanha, Japão, Grã Bretanha, França; também estão Coca-Cola,

¹⁰ As razões pelas quais as empresas globais se constituem em atores chaves são, entre outras, as seguintes: a) são as únicas que têm como se transformar em atores mundiais, pois possuem um efetivo e real poder de decisão; b) nossa sociedade lhe está outorgando a máxima prioridade à tecnologia e ao aperfeiçoamento dos instrumentos de trabalho e elas são as que produzem estes instrumentos; c) são vistas como os grandes artífices na geração de riqueza e de emprego, e em conseqüência, do bem estar individual e coletivo (Groupe de Lisbonne, 1995).

Mitsubischi, General Motors, Exxon, IBM, Compaq, Microsoft, Mcdonald's e entre todos tomam decisões que, de fato, afetam a todos. Não podemos continuar pensando que estas empresas atuam como há 20 ou 30 anos atrás. A mesma observação cabe aos estados nacionais.

Tudo o que tenho assinalado até agora está acontecendo no mundo de nossos dias, só que para cada realidade social concreta, para cada realidade espacial concreta, estas mudanças se manifestam de uma maneira singular; quer dizer, os elementos que definem o novo -que são iguais para todo o mundo-, ao se materializarem nos lugares se incorporam como uma característica a mais destes, só que neste processo transformam o conteúdo dos mesmos, já que os impregnam de novos significados.

Seria importante não esquecer que o território de qualquer país é a base das diferentes modernizações que nele se têm objetivado historicamente. E também, que nós geógrafos, somos os profissionais que dispomos dos instrumentos analíticos necessários para a compreensão deste processo. Daí a importância de identificar quais são as mudanças e suas significações para dar aos nossos estudantes as ferramentas metodológicas necessárias para compreender como estas mudanças se objetivam no espaço.

Mudanças e Geografia

Durante séculos o ser humano teve uma visão limitada do que existia; de maneira progressiva seu horizonte foi ampliando-se até chegar a um conhecimento de si mesmo e do mundo que o rodeia não imaginado até nossos dias. Certamente, nos primeiros tempos, os contatos que estabeleciam os homens se reduziam à própria aldeia ou aos vizinhos ao alcance de uma caminhada.

O uso de animais como meio de transporte e de carga estendeu estes contatos e facilitou os intercâmbios comerciais, com o que a cultura autosuficiente das aldeias mudou radicalmente. A navegação mais além do conhecido ampliou ainda mais as fronteiras e diversidade dos contatos. A aviação reduziu as

distâncias e a televisão por satélite permitiu imagens instantâneas, mas não a bilateralidade nas comunicações.

Agora, com os cabos ópticos -que suportam o tráfego de até 500 canais de TV simultaneamente- o nível da comunicação mundial salta a níveis não imaginados até o presente. As relações entre as pessoas (de trabalho e comércio) nunca mais serão ditadas pela proximidade física e sim pelas afinidades de interesses que podem ser selecionados pelo computador com base em dados da escala mundial.

Com o assinalado só pretendo ressaltar que o homem tem chegado, graças às inovações tecnológicas, a ter uma compreensão de si mesmo e do planeta não conhecidos até o presente. Não obstante, este saber, para o cotidiano das pessoas, tende a favorecer a idéia de que o espaço se desvanece, desaparece¹¹ diante de uma suposta preeminência do tempo sobre o espaço; daí a impressão de que o que importa é o tempo e não o espaço. Este fato nos coloca, como geógrafos, diante de questões que se associam com as relações espaço-tempo, e com sua abordagem no mundo de nossos dias.

Neste sentido, se a velocidade tem permitido que a idéia de tempo real se incorpore ao cotidiano das pessoas, também é verdade que ela não apaga o espaço em favor do tempo. Que fazemos com o quando (tempo) sem o onde (espaço)? Nós vivemos em lugares com características técnicas e organizacionais particulares que constituem nossa realidade e os ritmos de nosso cotidiano respondem a estas características. Desta forma, se vivo em San Cristóbal (Venezuela), por exemplo, tenho que enfrentar o trânsito desta cidade, e não o de outra; mas ao chegar em meu trabalho posso perfeitamente conectar-me, via Internet, e conversar com pessoas que vivem em qualquer lugar do mundo, lugar que também terá seu próprio tempo dado por suas próprias condições técnicas e organizacionais. Portanto, seria importante não esquecer que é pelo espaço que o tempo se realiza (se empiriciza) e não o contrário.

¹¹ Isto tem a ver com o fato de que continuamos *assimilando* a idéia de espaço com a de distância (quão longe ou perto se encontra A de B).

De igual forma, a capacidade do homem de nossos dias de perceber a simultaneidade tem favorecido a construção dessa imagem de que os estados nacionais estão em vias de dissolução. Com efeito, se os territórios, enquanto partes constituintes dos estados e das sociedades que se identificam com eles, são atravessados, hoje em dia, por fluxos de todo tipo que não respeitam fronteiras, poderíamos pensar que estamos diante de um processo de desterritorialização, que mais cedo ou mais tarde nos conduzirá à morte do estado-nação.

Este fato nos coloca, novamente, diante da confusão de que a idéia de localização implica de alguma maneira imobilidade, fazendo-nos esquecer que estar em um lugar não significa não poder dele se mover. Neste sentido, Milton Santos (1997) é muito claro quando assinala que a grande mobilidade de fatores e de homens, típica de nosso tempo, não é razão suficiente para afirmar que o território deixou de existir. Não importa que os fatores migrem em tempo real (pensemos, por exemplo no capital financeiro), já que sempre que o fazem é para se localizar em outro lugar. Em conseqüência, seria oportuno ter presente que mudanças no espaço (localização) não se traduzem em não estar no espaço. O que sim traz a discussão a grande mobilidade de homens e de fluxos (em tempo real) é a maneira como vínhamos assumindo o conceito de soberania, e não o de território; devemos recordar que maior mobilidade não é sinônimo de desterritorialização.

A sua vez, a idéia do não-lugar, também muito em moda, nos induz a pensar em nexos com a de desterritorialização. De alguma maneira, esta noção alude à imaterialidade da economia atual, o qual tem a ver com as novas tecnologias da informação e sua incidência na forma de fazer economia nestes tempos de finais do século. Mas, ainda que assim seja, a circulação da informação precisa para sua realização de bases materiais concretas, por conseguinte territorializadas (Santos, 1997). Daí, a intangibilidade da economia de hoje ser aparente, já que sua realização é necessariamente territorializada.

Outra alusão com referência à idéia dos não-lugares é a grande quantidade de formas geográficas parecidas; se há tanta similitude, em que se diferenciariam os lugares? Quais seriam então seus traços distintivos? Se nos lugares, sem importar onde se localizem, podemos encontrar formas similares como por exemplo os chamados edifícios inteligentes presentes nas grandes cidades, como diferenciar San Cristóbal de Mérida, por exemplo.

As características que vão definir um lugar e, portanto vão diferenciá-lo de outros, são dadas não pelos elementos que definem o novo senão pela maneira como estes se materializam nos lugares, já que a ordem espacial e temporal, própria de cada lugar, é o que irá determinar sua inserção dentro do conjunto de objetos que identificam cada lugar. Os elementos que caracterizam nosso tempo são os mesmos para todos os lugares, mas a forma em que se materializam, a forma de adquirir vida, irá depender das características distintivas de cada lugar.

Algumas reflexões a maneira de conclusão

Gostaria de concluir retomando a idéia de que somos privilegiados por estarmos vivendo um momento de transformação. Lamentavelmente em nossas universidades, não me refiro só às venezuelanas, também estou pensando em outras, seguimos formando profissionais para uma sociedade que está morrendo, como é a sociedade industrial, e ainda não temos criado os instrumentos acadêmicos idôneos que nos permitam incorporar estas novas coisas que identificam o mundo atual, ao processo de ensino-aprendizagem.

Assim, contribuímos, sem que seja nossa intenção, para formar profissionais que sabem enfrentar o mundo, mas um mundo que está deixando de existir, e não ao que se aproxima, já que continuamos utilizando conceitos que respondem a uma realidade passada para interpretar outra totalmente diferente. Penso que aí está a origem de alguns dos problemas que enfrenta a geografia de finais do século, problemas que coadjuvam para criar essa imagem de que é uma ciência ameaçada, pois estaria deixando de oferecer explicações diante do novo.

Nós, geógrafos, somos os profissionais mais indicados para explicar as transformações que dizem respeito ao território, mas resulta que nós mesmos, em nosso afazer cotidiano, estamos dizendo que não podemos fazê-lo. Insisto, creio que parte dos problemas que carregamos têm a ver com o uso que seguimos fazendo de sistemas conceituais que dão conta de uma realidade que está morrendo; daí minha ênfase no fato de que necessitamos conhecer o que está acontecendo no mundo de hoje para, a partir disto, ver o que se dá com o conteúdo de conceitos como região, lugar, meio geográfico, paisagem, território, espaço. Sua capacidade explicativa estará em função de que seus conteúdos incorporem os elementos que definem a realidade que pretendem analisar. Penso que isto é válido para todos nós.

Referencias bibliográficas

- ALMADA, T. ¿Dónde está el dinero de George Soros? **El Nacional**. Caracas, 11 de out. 1998. Venezuela, E/1.
- DRUKER, Peter **Administrando em tempos de grandes mudanças**. São Paulo: Livraria Pioneira, 1995.
- DRUKER, Peter **Sociedade Pós-capitalista**. São Paulo: Livraria Pioneira, 1996.
- DUPAS, Gilberto. Globalização: oportunidades e riscos. **Gazeta Mercantil**. São Paulo, 8 de dez. 1995.
- GROUPE DE LISBONNE **Limites à la compétitivité**. Québec: Les Editions du Boreal, 1995.
- LEVY, Pierre. **As tecnologias da inteligência**. Rio de Janeiro: Editora 34 – Associada à Editora Nova Fronteira. 1993.
- NASCIMENTO NETO, A. A roda global. **Revista Veja**. São Paulo, n. 14 (Edição 1438), p. 80-89. 1996.
- SANTOS, Milton. **A natureza do espaço**. São Paulo: Editora Hucitec, 1996.
- SANTOS, Milton **Los nuevos mundos de la geografía**. In: DI CIONI, Vicente (Compilador) *Geografía por venir*. Buenos Aires: Cooperativa Editora Universitaria, 1997. p. 11-24.

Artigo elaborado na primavera de 2000